



ANÁLISE DE CANTARES

VERSOS 2.4-12

{The Shulamite to Banot Yerushalayim}

הביאני אל־בית היין ודגלו עלי אהבה: 2:4

Heviani el-beit hayayin **vediglo alai ahavah:**

He brought me into the **house of wine**, and his banner over me was love.

LEVOU-ME À CASA DO BANQUETE, E O SEU ESTANDARTE SOBRE MIM ERA O AMOR.

A expressão beyt haáiyin (Ct 2,4) só tem paralelos no livro de Ester (7,2 “casa de festas” e 7,8 “casa de banquetes”). A vinculação da expressão “casa do vinho” com a “casa de festas” e a “casa de banquetes”, em Ester, pode ajudar a identificar o ambiente deste grupo, pois reúne vinho, cultura popular e presença feminina. O Cântico dos Cânticos, no século primeiro da era cristã, ainda era usado, conforme denunciava o Rabi Akiba, em adegas ou casas de festas, onde se bebia muito vinho. Assim, estas mulheres responsáveis por organizar banquetes, como Ester, podem ter sido responsáveis pela preservação dos poemas e sua releitura em Judá. Pode ser que, mesmo após o início do uso canônico, as mulheres continuassem cantando partes do Cântico dos Cânticos nas “casas do vinho”

O BANQUETE REAL

Sargão II, na inauguração de seus palácios, Dur-Sarrukin, deu um grandioso banquete. Senaqueribe fez o mesmo para o de Ninive. Assurbanipal II (883-859 a. C.) ofereceu, após a conclusão do palácio de Kalhu um banquete para 69.574 convidados. (pag 62 História da Alimentação, ed. Estação Liberdade). Os convidados eram presenteados nos banquetes reais com roupas de grande valor, jóias, vinhos caros e até porções dos alimentos especiais da corte. Em Babilônia e Assíria os alimentos consumidos eram primeiramente oferecidos aos deuses (Constituíam uma libação. Literalmente oferecidos, depositados e deixados diante das estátuas das divindades, como oferendas. A comida real era composta do mesmo tipo de alimentos oferecidos aos deuses) separavam parte do que havia sido consagrado aos deuses, que eram trazidos ao rei que poderia dele repartir aos altos funcionários de sua hierarquia. Dezenas ou centenas de mesas eram separadas com a proximidade real selecionada a partir de rígida hierarquia, que ia de membros de sua família, seus conselheiros reais, seus generais e nobres, os altos funcionários da corte, os governadores das províncias, os nobres da cidade e ricos comerciantes, os dignatários e as autoridades, os convidados divesos, os profissionais do palácio, os guardas do palácio. Era uma grande honra participar do banquete real que poderia se estender por dias, com um cardápio

requintado, uma organização minuciosa, com artistas convidados, músicos, danças com belíssimas dançarinas, e várias atrações para diversão dos convidados. Um grupo imenso trabalhava intensamente no preparo do banquete, na distribuição, na limpeza dos salões, na distribuição de presentes, nos ritos de entrada e saída do palácio, na vigilância do evento. Os banquetes celebravam os grandes eventos da vida nacional, as grandes vitórias e conquistas bélicas, o casamento real. Os haréns reais realizavam normalmente sus banquetes separadamente, haviam listas diferentes de alimentação e o próprio suprimento de vinho para os palácios das mulheres. Havia uma questão de hábitos alimentares distintos das princesas e rainhas, a maioria das mulheres dos reis da antiguidade eram estrangeiras, princesas estrangeiras que trouxeram com elas seu séquito real, as mulheres que as vestiam e banhavam, enfeitavam e perfumavam, oficiais eunucos, cozinheiros e oficiais.

O BANQUETE SAGRADO

O ofício em homenagem aos deuses criou uma categoria especial de funcionários dos templos das divindades da antiguidade. Padeiros, açougueiros, cervejeiros, pasteleiros, cozinheiros cuja função era receber a oferta em alimento bruto e prepara-los para os banquetes religiosos. Eles preparavam os pratos oferecidos as estátuas dos deuses. Os oficiais e sacerdotes recebiam uma parte do que eles ofereciam então era uma comida de qualidade. Seguiam um calendário litúrgico com responsáveis determinando as datas festivas a essa ou aquela divindade. As refeições servidas refletiam a hierarquia e importância das divindades. Em alguns rituais os sacerdotes traziam as estátuas para fora dos santuários e as posicionavam como num banquete real, onde eram servidas como um banquete real, por funcionários do templo. Os sacerdotes se misturavam às divindades e se assentavam junto com elas comendo parte dos alimentos oferecidos, com queima de incenso, lavando a mão com óleo perfumado, ungiendo suas frentes, cantando hinos e tocando músicas religiosas de adoração aos deuses. (festa de Akinu, afrescos do templo de Anu, na cidade de Uruk, época selêucida, século III ao século I a. C).

Salomão sai dos campos e volta cidade conduzindo a moça a uma faustosa refeição. E é ele que paga a comanda. Ele a leva a um lugar que para ela é um restaurante de luxo. Um aposento separado de uma das pousadas da festa que acontece, um lugar separado, no povoado mais próximo ao campo onde tinham passado o entardecer. Ela caminhará ao seu lado, vai desviar das poças, vai suspender os galhos por onde ela passar. Ele a carregará no colo para que ela não suje os pés. Oferecerá a ela o que ela mais gosta numa sala de banquete. E o que ela sente enquanto ele a CONDUZ à sala é o seu carinho desvelado. Como uma bandeira desfraldada de um exército, cujas insígnias escritas não traziam o nome de um reino, antes estivesse escrito “amor”.

Essa é a cena retratada nos evangelhos quando Jesus separa o local para a última ceia, uma refeição preparada por um misterioso estaleiro cujo nome nunca foi revelado, com um jantar finíssimo capaz de alimentar sobejamente a pelo menos 13 pessoas. Lá onde ele lava os pés dos discípulos, lá onde ele faz a última oração de seu ministério por eles, lá onde ele declara-lhes seu amor e se despede. Porque o estandarte sobre sua Igreja é o seu impressionante e corajoso amor.

Salomão havia coberto a Sunamita para protegê-la do vento, do frio, talvez da chuva que caía nessa região. Ele a enrolou desajeitadamente, como se a envolvesse com uma bandeira. Na verdade... bem que poderia ser uma *bandeira*, literalmente. Jamais teria conseguido

chegar nos campos sem ser escoltado por guardas fortemente armados. Mas teriam que estar disfarçados também para que a “trapaça” da conquista desse certo. Em algum instante ele pegou alguma manta de algum dos soldados disfarçados de pastores. E há uma possibilidade não tão remota que a tal manta tivesse os símbolos de Salomão.

Porém...um pastor a convidou a cear...na “casa do banquete” do texto é também traduzida como “casa do vinho”. Uma taberna da antiguidade. Mas a história possui reviravoltas tremendas. Ele estará naquela semana na presença de seus súditos e nobres como rei, e Sunamita irá entrar no segundo banquete, **um banquete que não aparece no texto, um banquete real**. No primeiro ela é convidada, mas no segundo ela entrará com ousadia, sem ser convidada. Um dia ela será levada voluntariamente, já como rainha, para a sala do banquete onde será honrada. O primeiro banquete lembra a ceia com o pastor que dá a vida pelas ovelhas. E o segundo lembra o reencontro com o ressurreto, não na terra. Mas no céu. Há um evento magnífico para qual a Igreja foi convocada. E que só poderá estar lá por plena ousadia. Ela é denominada de “as bodas do Cordeiro”.

Os banquetes da antiguidade evocavam o divino, embora não fossem deuses o que ali se representava, embora Daniel tenha rejeitado tal “privilégio” na corte do rei Nabucodonozor, por oferecerem a ídolos aquilo que deveria ser dedicado a Deus, os banquetes da antiguidade possuem uma sombra, uma aspiração, um desejo, que se cumpre de modo profético no evento denominado “ARREBATAMENTO”. Paulo recebeu uma revelação sobre um “rpto” dos que creem “convocados” para uma reunião, ou assembleia celestial. Um rpto da Amada que é o cumprimento espiritual das brincadeiras das vinhas, das festas de Benjamim. Note a poesia, quem recebe a revelação do “rpto” dos amados de Deus é justamente um benjamita. Paulo de Tarso, era descendente da tribo de benjamim. O banquete em que a Igreja recebe a perfeição, a transformação, onde o processo de transfiguração que Pedro, João e Tiago viram ocorrer sobre o monte Hermon em Jesus, quando ele brilha intensamente como se fosse o amanhecer, acontece com a Igreja de Cristo. Ela receberá “roupas celestiais” ou corpos glorificados, ela será conduzida por “oficiais do rei” até a sala do banquete, anjos a conduzirão até o encontro celestial onde haverá uma grande festa, com direito a cantos de adoração, a unção, não com azeite, mas com o Espírito de Deus, num lugar que “cheira a incenso”, que representa o anelo de milhões de intercessores, que oraram, creram, intercederam por ele. Ele, o ressurreto que é o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores concederá presentes, galardões, honrará a fé com bens inalienáveis. O encontro celestial é na verdade *um banquete real e um banquete sagrado*.

Apocalipse 19.7

Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as **bodas** do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou,

Apocalipse 19.9

Então, me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das **bodas** do Cordeiro. E acrescentou: São estas as verdadeiras palavras de Deus

O estandarte era a bandeira que os oficiais carregavam à frente das tribos quando marchavam, elas representam os brasões dos reinos da idade média, elas dão origem as bandeiras dos países na modernidade. Sobre a Igreja repousa a bandeira do amor de Cristo. A bandeira ou o estandarte não poderia ser tocado por qualquer pessoa. A águia romana era o estandarte das legiões romanas, aparece colocada sobre o tumulo de Cristo,

significando que ali repousava a autoridade de Roma e que ninguém poderia tocar naquele estandarte, ou no tumulto sem a ordem de um governador.

A lealdade das tropas romanas aos seus estandartes, em que estava a águia e as letras SPQR (Senatus Populusque Romanus - Senado e Povo de Roma), era inspirada pela influência conjunta da religião e da honra. A águia que rebrilhava à frente da legião tornava-se objeto da sua mais profunda devoção; era considerado tão ímpio quão ignominioso o abandono dessa insígnia sagrada numa hora de perigo.

Hitler retomando as tradições da antiguidade consagrou as bandeiras do partido nazista com o sangue de aliados mortos, para reforçar o simbolismo da suática.



Os estandartes e bandeiras eram símbolos de muita importância para a Legião, e venerados pelos soldados. A partir de 104 a.C., após a reforma de Mario, cada legião passou a usar uma *aquila* (águia) como símbolo de estandarte. O símbolo era levado por um oficial conhecido como *aquilifer*, e sua perda era considerada uma grande vergonha e freqüentemente levava à dispersão da própria legião.

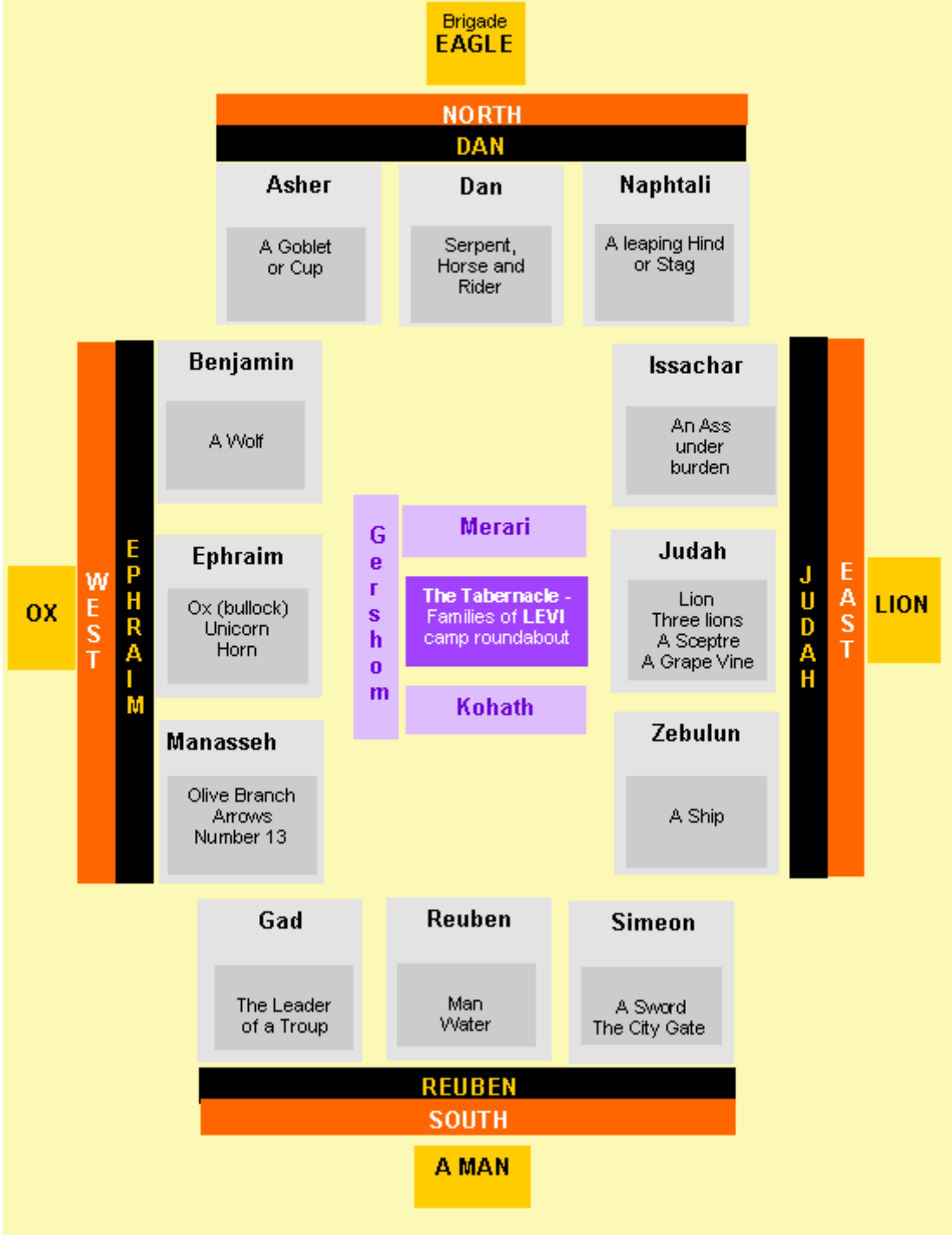
Com o nascimento do Império Romano, as legiões criaram uma ligação com seu líder, o próprio Imperador. Cada legião possuía outro oficial, chamado *imagineifer*, cuja tarefa era carregar uma lança com um *imago* (imagem, escultura) do imperador como *pontifex maximus*. Além disso, cada legião possuía um *vexillifer*, que carregava um *vexillum* ou *signum*, com nome e emblema da legião descritos, próprios da legião.



Cada tribo israelita possui uma bandeira, como não há evidências arqueológicas os estudiosos usam as referências das Escrituras para imaginar o que elas poderiam conter com base nas profecias dadas por meio de Jacó.

The Banners of Israel

The Camp and Brigade Emblems



The Tribes of Israel



Figure 5



Sunamita expressa que o estandarte sobre ela, não era a identidade de uma das tribos de Israel, ou símbolo da Casa de Davi. Era algo para ela de muito maior valor que uma identidade cívica. Que um símbolo de guerra. Era o amor que seu amado tinha por ela.

O amor de Cristo sobre a Igreja é um estandarte sagrado, um símbolo de guerra, de proteção, de suprema importância. **Ele não carrega a bandeira, ele a protege com ela.** Porque era o símbolo numa guerra da coisa mais importante a ser guarnecida por um exército, e ele a coloca debaixo dela! ELA É PARA ELE, MAIS IMPORTANTE QUE SUA BANDEIRA. Ela é a razão de sua bandeira. É pela alma humana, pela salvação do ser humano, pela vida de sua Igreja que o amor de Deus resplandece, manifesta-se de modo incomparável. É por amor de nós, por amor de sua escolhida, e esse é o significado do Evangelho. Cristo estendendo sua bandeira sobre nós.

1. 2:5: סמכוני באשיות רפדוני בתפוחים כייחולת אהבה אני:
2. Samkhuni baashishot rapduni batapukhim ki-kholat ahavah ani:
3. Strengthen me! with the raisins, refresh me! with apples: for I am sick with love.

SUSTENTAL-ME COM PASSAS, CONFORTAI-ME COM MAÇÃS, PORQUE DESFALEÇO DE AMOR.

As passas são as uvas secas pelo sol ou desidratadas por forte calor. Chegou o momento em que a moça se apaixona pelo rapaz.

Dil ye mera bas mein nahi (hindi)
Este meu coração não está no meu controle
(musica do filme Barfi)
Kahin pyaar na ho jaaye
Não deixe que eu me apaixone
Pyaar na ho jaaye
Não deixe que eu me apaixone
Ae dil bataa yeh tujhe kya hua
Oh coração, me diga, o que aconteceu com você
Tu hai kyon beqaraar itnaa
Por que está tão inquieto
Kahin pyaar na ho jaaye
Não deixe que eu me apaixone

(musica do filme Barfi)

<http://www.hindilyrics.net/hindi-songs-translations.html>

Paixão, do latim passione = sofrimento, sentimento excessivo; amor ardente; afecto violento.

Paixão, palavra de origem Grega derivada de *paschein*, padecer uma determinada ação ou efeito de algum evento. É algo que acontece à pessoa independente de sua vontade ou mesmo contra ela. De *paschein* deriva *pathos* e patologia. *Pathos* designa tanto emoção como sofrimento e doença. As paixões, entendidas como emoções, mobilizam a pessoa impondo-se à sua vontade e à sua razão.

No Blog abaixo há um artigo mais abrangente sobre o assunto:

<http://consultoriodepsicologia.blogs.sapo.pt/65740.html>


Sunamita sente tudo isso. O Cântico é quase uma peça de teatro, um jogral, é o momento na música em que ela se vira para o back-vocal da banda e canta o refrão. Se fosse um filme é o momento em que ela se vira para o telespectador e revela, num monólogo, o drama de seu coração. Ela se sente tão “enfraquecida” pelo sentimento que pede que alguém lhe dê passas, justamente o produto já acabado das uvas da fazenda na qual ela devia estar trabalhando, em vez de estar namorando. As adolescentes americanas quando terminam um namoro pegam um pote de sorvete de chocolate e o comem inteiro. Moças adoram doces. Note que ela não pede nada que seja salgado para alimentá-la. E vem logo a contradição em nossa mente, como é que alguém imagina curar-se ou consolar-se dos males do coração com doces?

É só uma distração. Ela quer algo que atordoe seus sentidos para não pensar nele, porque seu amor por ele a faz sofrer. Você provavelmente perguntaria, mas os dois não estão juntos? Sim e não. Ele está com ela, mas ela sofre antecipadamente pelo fato que terá que se separar dele assim que terminar o jantar. E talvez nunca mais o encontre. Pesa sobre ela a vida que desejaria ter e ainda não tinha. Ela ainda era a menina pobre que caçava raposas para sobreviver, diante de um sonho.

É o momento profético em que a Igreja é separada de Cristo pelo Sinédrio. É o sofrimento dos seguidores de Cristo ao saber que ele será crucificado. É a angústia após sua morte, sem saber o que irá acontecer com eles.

- Rapazes, guardem as guitarras. Para sempre. O sonho acabou.

No nosso hoje, a Igreja necessita da presença de Cristo, mas Cristo não está na terra. Ainda não. Ele está à direita do Pai. Ela o ouve e o percebe, tem comunhão com ele através do Espírito Santo que o representa na terra. Mas... se o amanhã não chegar? E se as intercessões, nossa vida, nossa oração não for o bastante para alcançarmos o lugar onde Jesus está, para com ele vivermos para sempre? E se a pregação não for ungida, se a presença divina não for manifesta por causa de nossos erros? A igreja que ama a Cristo sofre também, aspira um amanhã de vida plena; livre da escravidão da fazenda, e das malditas raposas. Nós gostaríamos de não mais sofrer dores. Medo. Enfermidades. Pavores. Insegurança. Perdas. Queríamos não sentir saudade. Nem dor.

1. שמאלו תחת לראשי וימינו תחבקני: 2:6
2.  Semolo takhat leroshi vimino tekhabkeni:
3. His left hand [is] under my head, and his right hand doth embrace me.

A SUA MÃO ESQUERDA ESTEJA DEBAIXO DA MINHA CABEÇA, E A SUA MÃO DIREITA ME ABRAÇE.

E por isso mesmo ela deseja não sentir medo, segura fortemente pelos braços do amado. Porque nos braços de Salomão, ela simplesmente esquecerá o mundo que a envolve. O abraço é uma das formas mais belas da manifestação do carinho humano. É uma linguagem de afeto universal. O termo “mão” em hebraico muitas vezes significa “força”. Ou alcance do poder ou da autoridade de alguém. A mão esquerda e a mão direita tem uma diferença de significado nas diversas culturas do Oriente. A direita era a mão que os reis utilizavam para erguer o cetro ou a espada, gestos com muitos significados relacionados ao poder real, para acenar e pedir silêncio, para convocar uma pessoa, para selar os atos do estado. Sunamita não sabe que Salomão é o mais poderoso rei de sua época. Ela não imagina que ao envolvida por ele estará sendo abraçada pela mão que decreta todos os atos oficiais do estado israelita. A mão que repousará sobre sua cintura tem o poder de vida e morte sobre milhões de pessoas. A cabeça da moça israelita é envolta numa manta, a cena é dela literalmente ‘caindo’ sobre os braços dele que a segura para que ela não estatele no chão. Ela se imagina sustentada como uma criança é sustentada para ser colocada no berço ou na rede. Se você não segurar sua cabeça ela penderá para trás. A mão esquerda não tinha um grande significado para os orientais. Na Índia ela é usada exclusivamente para o asseio pessoal, para trabalhos mais pesados e rústicos. Eles a consideram impura. Não se cumprimentam e nem pegam na comida com a mão esquerda. Os canhotos eram mais desprezados que os destros. Quase considerados anormais. Por isso é extraordinário quando as escrituras colocam a existência na tribo de Benjamim de um grupo de lançadores de funda que eram extremamente hábeis, porém canhotos. Mas há passagens reveladoras:

Então o sacerdote **pegará um pouco de óleo da caneca e o derramará na palma da sua própria mão esquerda,**

[Levítico 14:15](#)

E outra em Provérbios

Na mão direita, a sabedoria garante a você vida longa;
na mão esquerda, riquezas e honra.

[Provérbios 3:16](#)

Então derrubarei o arco da sua mão esquerda e farei suas flechas caírem da sua mão direita.

[Ezequiel 39:3](#)

as três companhias tocaram as trombetas e despedaçaram os jarros. **Empunhando as tochas com a mão esquerda** e as trombetas com a direita, gritaram: "À espada, pelo Senhor e por Gideão!"

[Juízes 7:20](#)

A mão esquerda segurava o arco que era retesado com a direita. No testemunho da cura de um leproso o sacerdote derramava óleo sobre a palma da mão esquerda, depois de alguns ritos colocava a palma da mão esquerda na cabeça do leproso que era declarado limpo.

O Espírito de Deus anseia firmar a mente da Igreja com a sua mão que detém suas riquezas, sua honra, seu arco, sua tocha de luz. E purificar sua mente com sua presença para declarar sua cura e sua purificação. Arco era o rifle de longa distância da antiguidade. Os arqueiros eram temidos pelo seu terrível poder de matar a distância. As tochas eram a iluminação navegante, luz pessoal que iluminava o caminho de um viajante.

A mão direita de Cristo possui suas riquezas e sua honra. E na esquerda ele segura o arco. Na esquerda ele derruba o óleo e como sacerdote celestial o derrama em nossa cabeça.

1. **The Maiden's charge to the banot Yerushalayim**

2. **2:7 {Refrain}**

3. השבעתי אתכם בנות ירושלים בצבאות או באילות השדה אסתעירו ואסתעוררו אתהאהבה עד שתחפץ:

4. Hishbati etkhem benot Yerushalayim bitzvaot o beailot hasade im-tairu veim-teorru et-haahavah ad shetekhpatz:

I charge you, O ye daughters of Yerushalayim, by the roes, and by [the hinds of the field](#), that ye stir not up, nor awake [my] love, till he please.

7 Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e cervas do campo, que não acordeis nem desperteis o meu amor, até que queira.



Leiam o capítulo “ A magia em cantares”.

Ampliando a visão do texto, deixando de lado a perturbação das meninas de Jerusalém, vamos olhar a natureza citada no verso. Gazelas e Cervas do Campo. A Sunamita é muito suave no falar. Muito doce. Nesse instante da canção ela mostra o quanto é meiga. Ela não amaldiçoa, não invoca uma lei, ou seus direitos, que ela humildemente sabe que não possui. Ela está diante de mulheres lindas, perfumadas, ricas, ela uma menina trabalhadora do campo, elas representantes de ricos comerciantes. Ela reclama com os olhos na natureza israelita e neste momento da canção nossos olhos se voltam para os cervos e as gazelas, que são naturalmente tão pacíficos quanto a Sunamita. Elas fogem ao menor sinal de perigo, se escondem a qualquer mudança de odor. Os cervos conseguem perceber água a enormes distâncias e pelo fato de não terem meios de ataque a sua defesa é correr. São extremamente ágeis. E o modo como se movimentam foi cantado em poesias de vários povos e em pinturas diversas. São harmoniosas correndo, graciosas. Elas quase nunca tropeçam, ainda que correndo por uma floresta escura.

Su Dongpo, poeta chinês declarou:

Quando olha para si em uniforme de gala, sorri: "Sou por natureza um gamo selvagem/
e não consigo suportar canga ou freio/ Para quê estes dourados e trajes grotescos/ os
botões de jade e as presilhas de seda?"

(Le Monde" Amanhã: Murasaki Shikibu, a primeira romancista do Japão)

São indomesticáveis. Não suportam o jugo, o peso ou o trabalho forçado. Elas sentem muita sede e correm desesperadamente em busca de água. Elas cantam quando querem se acasalar. São considerados animais puros.

A tribo de Naftali é comparado a uma gazela:

Gênesis 49:21

Naftali é uma gazela solta; ele dá palavras formosas.

Eram animais carinhosos, as fêmeas da espécie se ligavam somente a um único macho por toda sua vida, que as protegia.

Eram provimento de alimentação aos israelitas, faziam parte do provimento da realeza, o palácio de Salomão recebia cervos e gazelas abatidas para alimentação. Embora servissem de alimentos não eram animais sacrificiais. Não eram oferecidos ou aceitos como holocausto ou sacrifício no templo.

Elas eram símbolo de liberdade. Habitam o alto das montanhas, enfrentavam o frio, abrigavam-se nas rochas. Tinham filhotes aos pares, geralmente gêmeos.


A visão de liberdade, de vida plena, amorosa, o tremendo desejo de viver, simbolizado pela sede, **quando a corça berrava, gritava e gemia**, e sua alegria simbolizada pela sua impressionante corrida.

A Sunamita sabe que se as moças da cidade olharem para a formosura de seu amado, irão desejar-lo. Irão usar sua sedução, malícia, charme, posição, riqueza e até poder para atraí-lo, APRISIONÁ-LO. Lembremos que Sunamita não sabe que o pastor é Salomão disfarçado. Ela não tem ideia que nenhuma delas tem o mínimo efeito sobre ele, acostumado a intriga dos palácios, recebendo diariamente seus pais para tratar de negócios. Mas a moça teme perde-lo. Teme que elas despertem nele o sentimento **que ela já despertou nele**, e ainda não sabe!

Ela olha o quadro de liberdade plena das corças e pede para que elas se inspirem nisso. Emite ordens (conjuro-vos), não porque tenha autoridade humana para isso. Com base na esperança. Com base no sonho. Crendo que ao ver o *unicervo*, ou melhor, **o universo**, elas despertarão...

Ela almeja a liberdade, evoca o texto que Paulo fala que **a própria criação geme**, aguardando **a liberdade dos filhos de Deus!**

{The Shulamite}

1. קול דודי הנהיזה בא מדלג עליההרים מקפץ עליהגבעות:2:8
2. **Kol dodi** hinch-zeh ba medaleg al-heharim mekapetz al-hagevaot:
3.  **The voice of my beloved**, behold, he cometh leaping upon the mountains, skipping upon the hills.

8 ESTA É A VOZ DO MEU AMADO; EI-LO AÍ, QUE JÁ VEM SALTANDO SOBRE OS MONTES, PULANDO SOBRE OS OUTEIROS.

Sunamita ouve Salomão a chamar, vindo correndo encontrá-la. Voz que ela já aprendeu a reconhecer. Aos 23 anos Salomão é uma atleta. Corre vigorosamente, mesmo porque possui pouco tempo para se encontrar as escondidas com a menina. O gamo corre sobre montes escarpados pisando com muita firmeza no solo, difilmente um animal conseguiria alcançá-lo. As cabras montesas são exímias alpinistas, mas os gamos conseguem correr sobre as escarpas e tem força para pular enquanto sobem uma montanha. Numa terra de tantos acidentes geográficos como Israel o caminho mais rápido, um atalho é sobre os montes e encostas, mais rápido que contorna-los. Muitas das estratégias de guerra dos israelitas passava necessariamente pelas montanhas, fosse a fuga, fosse a emboscada, fosse alcançar uma tropa que por causa dos carros seguiria sempre por terreno plano. Aníbal, célebre general utilizou-se de montanhas como estratégia. O exército de Aníbal, um dos maiores estrategistas militares da história, saiu da Península Ibérica, passou pelos Pirineus e pelos Alpes e acabou na planície do Pó, onde triunfou sobre três legiões que Roma enviara para derrotá-lo. As batalhas ficaram conhecidas como Ticino (novembro de 218 a.C), Trebia (dezembro de 218 a.C) e Trasímeneo (junho de 217 a.C).

Os montes na época de Sunamita eram ainda desprovidos de totens, postes-ídolos e templos. Nos anos posteriores seriam tomados por toda sorte de culto e adoração às deidades das nações.

Ela ainda os contempla cheios de excelente natureza e desprovidos de urbanização.

Uma antiga profecia associa os montes a vinda do Messias. Os judeus criam que quando este viesse até os mortos ressuscitariam.

“Naquele dia estarão os Seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, do oriente para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se removerá para o norte, e a outra metade dele para o sul.”. Zacarias 14:4.

Tanto que muitos israelitas procuram ser enterrados no monte das oliveiras.

Tumbas judaicas no monte das Oliveiras. Enterravam seus entes ali porque imaginaram que seriam os primeiros a ressuscitar em sua vinda,



<http://graftedinelena.wordpress.com/israel-travel/>

Os montes de Israel são ricos em significados. A cidade de Jerusalém era chamada de Sião em virtude de uma de suas colinas, o monte Sião onde um dia existiu uma fortaleza dos jebuzeus tomada por Davi.

O templo é edificado sobre um monte, outra colina da cidade, o monte Moriá, onde um dia Abraão levou Isaque para ser sacrificado. Ao seu lado está o monte das Oliveiras. Foi no vale entre os dois que seu pai se encontrou com um anjo. O templo que Salomão construíra e cujas colunas resplandeciam como fogo ao pôr do sol, por serem feitas de bronze, construiu sobre o monte Moriá. O Getsemani ficava na encosta do monte das oliveiras. Jesus morre sobre outra colina denominada calvário, do lado externo da antiga cidade de Jerusalém.

Sobre um monte a Lei foi concedida a Moisés, o Horebe, sobre outro monte ele é enterrado, sobre o Carmelo ocorrerá a famosa luta entre os profetas de Baal e Elias, e é justamente sobre um monte que Gideão obterá tremenda vitória sobre os midianitas. Num monte, sobre o Hermom, Jesus se transfigurará diante de seus discípulos, ficando com vestes celestiais, brilhando intensamente.

Os montes evocam muitas cenas proféticas.

Sunamita anseia que seu amado volte depressa, e esse é o sentimento da pequena comunidade de discípulos quando Jesus caminha pela última vez com suas testemunhas fora da cidade e vai até um monte. Outro monte. E dessa colina ascende aos céus. Os apóstolos criam que Jesus voltaria a qualquer instante, ainda em sua geração. A última frase do último livro das Escrituras escritas pelo último apóstolo vivo, escrito pela última testemunha ocular da paixão de Cristo declara uma profecia que nos diz:

“Certamente, cedo venho”

É a resposta ao anseio da Sunamita celestial. *Ei-lo aí, que já vem saltando sobre os montes.*

דומה דודי לצבי או לעפר האילים הנה־זה עומד אחר כתלנו משגיח מן־החלונות מציץ מן־
החרכים:

1. [Domeh](#) Dodi [litzvi](#) o leofer [haayalim](#) hineh-zeh omed akhar [katlenu](#) [mashgiakh](#)
min-[hakhalonot](#) [metzitz](#) min-hakharakim
2. My beloved is like a gazelle or a young stag. Behold, he stands behind our wall; He
is gazing through the windows, peering through the lattice.

O MEU AMADO É SEMELHANTE AO GAMO, OU AO FILHO DO VEADO; EIS QUE ESTÁ DETRÁS DA NOSSA PAREDE, OLHANDO PELAS JANELAS, ESPREITANDO PELAS GRADES.

Sorratamente Salomão aparece do nada e assusta a menina. Veloz e arisco, brincando com ela. As casas da antiguidade possuíam dois pavimentos, varandas, quartos no alto, cortinas, grades. Não eram de difícil acesso aos animais. Era fácil para uma gazela subir num terraço de uma casa. E se ela o fizesse, chegaria de mansinho, quase imperceptível, enconstaria o nariz para sentir os odores do quarto, normalmente perfumados com essências, com especiarias. Seu olfato poderoso sentiria o cheiro de uma tamara esquecida sobre uma mesa ou sofá.

E uma dona de casa só perceberia ele a noite, pois as sombras o abrigariam, quando erguesse a lamparina e os olhos da corça refletissem a luz da lanterna. Antes que pudesse alcançar o animal ele já estaria a dezenas de metros do terraço.

O mundo espiritual nos enxerga. O tempo inteiro. Anjos descem e sobem, espíritos de toda sorte e origem passam ao nosso redor e até em nossos lares sem que os percebamos. Apesar de assustador e estranho, esse parágrafo é absolutamente correto. Vivemos e nos movemos num universo espiritual, entre forças, poderes, potestades, vivemos entre dois mundos. Mas para nossa grata surpresa o Espírito amorosamente nos observa. E nos vigia. Ele nos guarda. Envia anjos, realiza coisas espirituais enquanto dormimos, enquanto descansamos. Declara-nos o que está oculto, escondido. Abre para nós janelas para que possamos vê-lo. Percebe-lo.

Os dons espirituais as vezes nos assustam. Uma visão é dada repentinamente. Uma revelação que surge no momento mais inesperado. Nós não vemos a Deus, mas ele está presente, atrás da parede das dimensões, atrás do muro das nossas limitações.

Espreitando por entre as grades.



1. ענה דודי ואמר לי קומי לך רעיתי ולכי-לך:2:10
2. Anah Dodi veamar li kumi lakh rayati yafati ulekhi-lakh:
3. My beloved spoke, and said to me:
4. {HE} "Rise up, my love, my fair one, And come away.



10 O MEU AMADO FALA E ME DIZ: LEVANTA-TE, MEU AMOR, FORMOSA MINHA, E VEM.

A cena é de Sunamita deitada no segundo andar num quarto cercado de grades e cortinas, e Salomão anseia dançar com ela na festas, ele anseia sua presença, sua companhia e não quer deixa-la dormindo! As noites foram de intensa atividade e correria, o dia de muitos afazeres, a moça fugia a noitinha para estar com ele, dormia altas horas da madrugada e ia para o labor diário de correr atrás das raposas, estava exausta. Mas o tempo de Salomão terminava, suas obrigações lhe chamavam e sabia que tinha pouco tempo para estar com seu amor. Ele a acha linda até dormindo. A imagem é muito bela, dentro da dimensão espiritual, vivemos a situação paradoxal. O Espírito é eterno e imortal. Deus não tem início e nem fim de dias. Mas nós somos finitos e passageiros. Nossos dias passam ligeiros como a sombra. Acordamos infantes, ao meio-dia somos adolescentes, ao entardecer somos adultos e ao anoitecer já estamos idosos. Nós temos muito pouco tempo para desfrutarmos da presença divina, do amor e da festa que acontece ao nosso redor. A urgência em que nos levantemos é nossa, para desfrutarmos dEle. A profundidade do conhecimento de Deus vem pela meditação e pelo estudo da Escrituras, que toma tempo, dedicação, apesar do cansaço da vida, dos afazeres, das dificuldades. Levantar nas Escrituras é sempre associado a uma postura de estar atento, preparar-se para realizar algo, ou no caso dos profetas, para ouvi-lo. Samuel está deitado e é chamado, necessita levantar-se. Ezequiel é solicitado a estar de pé porque deus queria falar com ele. Os homens respeitados no Oriente eram cumprimentados por todos que ficavam de pé ao passarem. E o Espírito anseia que estejamos despertos, ouvindo-o, indo com ele à lugares que ele quer nos conduzir. Ele deseja que passemos com ele. Nunca nos vê senão com olhos amorosos. Ele vê sua Igreja Formosa. A palavra que também é traduzida por PERFEITA.

1. כִּי־הִנֵּה הַסֵּתוֹ עָבַר הַגֶּשֶׁם חָלַף הַלֶּךְ לִו: 2:11

2. Ki-hineh hasetav avar hageshem khalaf halakh lo:

3. For, Behold, the winter is past, the rain is over [and] gone;

11 PORQUE EIS QUE PASSOU O INVERNO; A CHUVA CESSOU, E SE FOI;

Chovia muito nessa época do ano e a estiagem era o momento propício para as festas, para a colheita, para a fabricação do vinho. No final do inverno os frutos que foram colhidos no final do outono estavam maduros. Era o início da época das flores, do acasalamento das aves e dos animais da floresta, os cantos se tornavam melodiosos. A natureza explodia em cores vívidas. Os dias chuvoso perto do Hermon eram gélidos. Dias gelados. Parte das fontes agora degelava, corredeiras podiam ser vistas. A primavera era o tempo de namoro por causa da festa, por causa da representação da própria primavera. Era uma época extremamente romântica na dimensão do Oriente. A primavera evoca espiritualidade, calor, frutos, flores. Na dimensão espiritual sugere o desejo da Igreja de sentir e viver a plenitude de sua vida espiritual. Um dos anseios da Igreja é a unção, a manifestação dos dons, a operação milagrosa, a manifestação do espírito trazendo renovação, cura, renovação. As Igrejas denominam essa primavera espiritual de “avivamento”. Frio nas Escrituras é tempo de mãos adormecidas, lembra frieza de coração, sentidos amortecidos. Desconforto. O frio matava os pobres por não possuírem roupas adequadas. Os profetas viram cenas terríveis de que banqueiros sem escrúpulos emprestavam a juros altos a uma comunidade trabalhadora e se esta não tivesse como pagar, penhoravam suas roupas e se no tempo devido não pudessem pagar os juros, após terem perdido as posses, após terem seus filhos vendidos como escravos, eram deixados nus. Um dos bens mais preciosos dos tempos antigos era uma capa para proteção do frio. Ela era um equipamento básico de

proteção contra a intempérie. Os agiotas tomavam a capa e deixavam os endividados morrerem de frio. O frio espiritual mata. Centenas de seminários ao redor do mundo já pregaram um evangelho frio. Morto. Sem vida. Roubaram a fé sobrenatural de muitos, debocharam da profecia, dos dons, das operações espirituais. Negaram veementemente a pessoa do espírito de Deus. Negaram sonhos que foram ordenados à Igreja pela Profecia de Joel. Ainda hoje, 2014, milhares negam milagres, sinais e maravilhas. Pregam um evangelho mentiroso, ou usurário. Centenas de denominações exigem dinheiro de seus membros e formalizam isso com textos do Velho Testamento, pregam um Evangelho de Usura, com solicitações de dinheiro antiéticas. Expõem os que os seguem a todo tipo de exploração. Criam necessidades financeiras gigantescas em nome da manutenção de seu império, televisivo, radiofônico, imobiliário. A primavera fala da alegria da comunhão, sem obrigações. Onde a generosidade é fruto de um coração voluntário e movido pela alegria. Onde o Espírito flui sem restrições e sem a contaminação da avareza intelectual, espiritual, teológica.

1. הנצנים נראו בארץ עת הזמיר הגיע וקול התור נשמע בארצנו: 2:12
2. Hanitzanim niru baeretz et hazamir higia vekol hator nishma beartzenu:
3. The flowers appear on the land; the time of the singing [of birds] is come, and the voice of the turtle is heard in our land;

12 APARECEM AS FLORES NA TERRA, O TEMPO DE CANTAR CHEGA, E A VOZ DA ROLA OUVI-SE EM NOSSA TERRA.

Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; [Eclesiastes 3:3](#)

A primavera havia chegado em Israel. Salomão evoca a beleza da natureza manifestando toda sua glória para motivar a menina cansada para mais uma noite de folguedo, alegria, canto, danças e vinho. Não era o tempo de estar deitada. A ordem em que ele vai descrevendo a floração e a frutificação da vide e da figueira, logo após este verso tem um eco profundo na história de Israel e da Igreja. A rola neste texto é o Zamir.

Desconhece-se a origem deste pássaro, todavia sabe-se que passava por Israel logo depois do Outono. A Palestina era o local onde ele escolhia sua fêmea para seu acasalamento, por isso o Zamir cantava, exibindo todo o seu repertório, uma variedade de 28 cantos distintos.

Interessante é notar que tanto o macho como a fêmea eram pássaros migratórios, e andando tanto tempo juntos só acasalavam na Palestina, e não aceitavam as espécies naturais da terra.

Muitos ornitólogos tem comparado o Zamir daquelas pairagens com o Rouxinol Brasileiro ou o Cardeal Americano.

A primeira coisa que o Zamir fazia ao chegar na planície de Sarom, por ocasião do Nitsanim, era demarcar seu território com um claro e conhecido assobio, tal qual o Cardeal

Americano. Esta ação especificava o local onde nenhum outro macho poderia descer, nem tão pouco se aproximar.

Este lindo pássaro tinha cerca de 20 cm de comprimento e uma plumagem de brilhantes penas vermelhas.

Diz o original hebraico em Cantares 2:12 [‘eit hazamir higia] = tempo do Zamir cantar / chegar / vir / alcançar / ationgir / tocar / infectar / apalpar.

Toda a natureza é lúdica e nela foi estabelecido pela sabedoria de Deus símbolos de sua graça, de seu amor, de seu poder. Os céus DECLARAM a glória do senhor, não é uma paráfrase, é uma revelação. Em cada nação poderíamos reconhecer com facilidade o passaredo nacional, ou regional e nele encontrar símiles profundas, pequenas poesias, contos, histórias e representações que nos ensinariam sobre O espírito, sobre o Pai, sobre Cristo. O mundo é repleto de suas marcas. Israel é descrito vividamente nas Escrituras, sua ecologia, sua geografia e nele podemos observar essas “declarações proféticas” essas “palavras de Conhecimento” ou imagens cheias de significados, esclarecendo-nos um pouco mais sobre os mistérios da Salvação. A vide representa a Igreja, Israel se reconhece na Figueira, as flores nos falam de renovação, e vem-nos a mente a regeneração do Espírito, a transição entre as épocas evoca o tempo passando, reflete o tempo humano, e o tempo de Deus, as coisas passageiras e as coisas eternas. A moça que desperta e que viu de perto o inverno, sentindo seu abraço gelado, viu o tempo passando pelas estações que se repetem, também para a moça eterna, a Igreja de Cristo, que nasce junto de Adão, no Jardim e percorre o tempo ao lado do Espírito até o raiar do Novo dia, a Nova Criação, a eterna Primavera num universo pleno de Vida abundante. O tempo em Cantares, tarde, manhã, noite, madrugada refletem as épocas de Deus, seus dias, que coincidem com os milênios da história humana, e dentro dessa história uma em particular, a do Seu Amor, a dos eventos mais importantes para o seu coração em relação ao ser humano. Sem entrar na questão profética, esse estudo é limitado a enfatizar algumas visões do texto, limitado pelas limitações do autor, cabendo ao leitor meditar nas demais. A Palavra de Deus é ilimitada. Quero focar, enfatizar um tempo, um período que o texto evoca. O HOJE. O AGORA. O Amado convoca sua Amada e afirma para ela que era chegado o tempo de cantar. A dimensão do HOJE nas Escrituras é muito importante. O Livro de Hebreus afirma se HOJE ouvirdes a voz do Espírito de Deus; mostrando que algo que para o Sunamita era o futuro, e algo que para nós é o passado, A CRUZ, produz um efeito no HOJE de nossas vidas. Antigas profecias foram cumpridas e nos dão HOJE direitos espirituais, Graça, Perdão, Acesso ao Trono. Os milagres do Velho Testamento ocorrerão com base num Evento Futuro. A Ressurreição de Cristo é que selou os tempos, mais eu poder retroagia até o Éden. Nós vivemos após o cumprimento da profecia de Joel, Nos últimos dias diz o Senhor eis que derramarei o meu espírito sobre toda a carne! Após o cumprimento do Pentecostes “ Ficai em Jerusalém até que do alto sejais revestidos de Poder”, e embora haja profecias bíblicas ainda não cumpridas, temos HOJE operando sobre nós esferas de poder celestial, dons concedidos e a Autoridade presente que Abraão, Moisés ou Elias jamais sonharam. Vivemos HOJE no cumprimento de TUDO que a natureza israelita apontava. Vivemos HOJE na esfera do TUDO ESTÁ CUMPRIDO. Por isso podemos LEVANTAR-NOS porque o TEMPO DE CANTAR CHEGOU.

O TEMPO E O INTERCESSOR

O nome com que os judeus conheciam a Deus significa “Eu sou”. Quando os soldados que vão capturar a Cristo perguntam quem é o tal de “Jesus” ao grupo dos apóstolos, é este que responde: SOU EU. Mas, quando o fala para os soldados, diz exatamente - EU SOU - ou o equivalente em aramaico. Quando Jesus diz isso, os guardas caem. Ou, são lançados para trás por uma tremenda manifestação de poder. Eram cerca de 50 homens que tombaram ruidosamente no chão quando Jesus assim pronuncia “Eu sou”



O termo “eu sou” dá uma ideia de PRESENTE, algo contínuo, algo que o passado não alterou algo que o futuro não afetará.

Hebreus estabelece essa visão de outra maneira

Jesus Cristo é o mesmo HOJE, sempre e eternamente.

O tempo nos leva para o PRESENTE. Não é um Cristo do passado, não realizou coisas que Hoje não possa realizar, e não haverá tempo em que não poderá FAZER as coisas que hoje faz. Os apóstolos não criam numa época passada do poder de Deus.

Os profetas do Velho Testamento falavam num tempo verbal do hebraico que muitos leem as profecias como se já tivessem ocorrido no passado. Quando falavam do futuro ‘dia do Senhor’, que ainda ocorrerá no final dos tempos, narravam como se o tivesse acontecido. Como se fossem historiadores da eternidade.

O profeta vê o futuro, como já fosse o passado.

O adorador vê o futuro como se fosse o presente.

E o Intercessor?

O intercessor só possui um único tempo verbal. O presente. Ele não tem o amanhã, ele não se importa com o ontem. O passado ou o futuro não lhe interessam. O intercessor reclama para o AGORA tanto as promessas do PASSADO, quanto as profecias sobre o AMANHÃ.

O Adorador medita na Nova Criação, na Jerusalém que chegará. Ele é cheio de esperança.

O Intercessor quer saber no que a Nova Criação e a tal da Jerusalém celestial respondem AGORA às suas necessidades.

Ele é o médico habilidoso que pergunta ao participante de sua equipe qual a temperatura do paciente e quando responde que estava com 39 graus há cerca de duas horas ele diz:

- Não me interessa nem a temperatura dele no mês passado e nem a que ele vai ter na próxima semana. A única temperatura de um paciente que me importa é do paciente AGORA.



O tempo do intercessor é HOJE. Ele é como o Espírito de Deus que quer uma RESPOSTA IMEDIATA a sua convocação ao arrependimento,

“Se hoje ouvirdes a voz do Espírito de Deus, não endureçais a cerviz dos vossos corações”
Diz o escritor de Hebreus.

O intercessor é nascido do Espírito de Deus. Possui a mesma natureza espiritual daquele que o gerou. Ele necessita de uma RESPOSTA agora.



O tempo de Deus para um intercessor é sempre hoje.

Para o intercessor todos os instantes de Eclesiastes ocorrem no mesmo momento.

Eclesiastes 3:1 Tudo tem a sua ocasião própria, e há tempo para todo propósito debaixo do céu.

Eclesiastes 3:2 Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;

Eclesiastes 3:3 tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar;

Eclesiastes 3:4 tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;

Eclesiastes 3:5 tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de abster-se de abraçar;

Eclesiastes 3:6 tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de deitar fora;

Eclesiastes 3:7 tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e

tempo de falar;
Eclesiastes 3:8 tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.

Porque o aflito pode não ter amanhã, a enfermidade pode não esperar mais um dia, porque o coração pode não mais suportar.



Deus estabelece que o TEMPO DETERMINADO PARA O PROPÓSITO DA INTERCESSÃO SEJA O AGORA. Esse é o tempo que foi DETERMINADO por Deus para que nossas orações se baseiem.

Pedi e dar-se-vos-á - remete-nos ao presente da oração. Batei e ABRIR-SE-VOS-Á nos coloca na expectativa IMEDIATA da abertura da porta. Buscai e achareis nos convida a certeza de que PRÓXIMO está o que procuramos. Quando a Jesus expõe sobre o filho que pede ao pai um pão, já imaginamos o pai indo até a cozinha e trazendo o pão.

Quando observamos o ministério de Cristo percebemos que quase TODOS os milagres de Jesus são IMEDIATOS! A Exceção dos leprosos que vão sendo curados na medida em que caminham para se apresentar ao sacerdote, **não há distancia a ser percorrida no tempo entre a intercessão de Cristo e os milagres do Espírito de Deus.** Jesus estava como MINISTRO e EXEMPLO, como PADRÃO de conduta a ser IMITADO por seus OBREIROS. Não foi como DEUS que ele operou seus sinais. Foi como HOMEM UNGIDO. JAMAIS Jesus USURPOU a sua condição divina, deixando de lado a condição de SERVO para realizar qualquer ato sobrenatural. Tudo que Jesus realizou, fez porque recebeu do Espírito Santo a capacitação para realizá-lo. E toda vez que o Espírito ungiu-o com poder ou MANIFESTAVA PODER através de CRISTO, o fazia IMEDIATAMENTE.

Não havia PAUSA, tal qual o sinal musical, ou período de espera entre a sua intercessão e o milagre. Jesus jamais esperou o amanhã de suas orações. Porque o amanhã do PODER de Deus é o AGORA.

Tal qual JESUS na carne, nós NÃO TEMOS TEMPO. Nossa vida é como a sombra. Depressa passamos.

Não serão necessários NO POVIR, NA NOVA CRIAÇÃO OU NA ETERNIDADE, os milagres de cura, restauração, livramento ou destruição de cadeias e prisões espirituais. Hoje é o tempo da libertação, da restauração, do CUMPRIMENTO da VONTADE DE DEUS no que diz respeito à cura, ao prodígio, á maravilha, ao ato sobrenatural.

IMEDIATAMENTE. ENQUANTO ORANDO.

Qualquer outro instante entre horas e anos depois é ATRASO.

É TARDE. O Intercessor não se interessa pelos motivos que levaram a cura a ser atrasada, a falta de fé que impediu o milagre, a falta de humildade que fez com que o ministério profetizado aguardasse o crente amadurecer, a vocação que não foi abraçada por ausência de coragem.

Por não existir o amanhã para o Intercessor, se a benção prometida não chegou hoje, se a luta não findou, se o milagre não se manifestou, quando amanhã o intercessor orar novamente, vai buscar para o seu PRESENTE, como se ajoelhasse pela primeira vez, como se o ontem não tivesse acontecido, com a mesma determinação.

O intercessor não vislumbra um dia no futuro enquanto ora. Ele reclama para o hoje o seu amanhã.

Ele fecha os olhos orando pelo aleijado e quando os abre, o convida a tentar andar.

Ele estende as mãos e toca os olhos do cego, e quando abre os seus próprios olhos, pede para que o cego diga o que está vendo.

Ele imagina o hospitalizado sendo curado enquanto ora,

Ele imagina a conversão de quem está sem cristo, enquanto ainda suplica a Deus.

Ele não quer voltar de mãos vazias para casa. Ele possui urgência. E se não acontecer o que espera, ele lutará para que não haja atrasos.

Ele olha para o relógio de sua vida, ele consulta os minutos do tempo de seu coração e quando orar novamente, o cronômetro de seu coração dirá

- Hoje é tempo. Porque a VOZ do ZAMIR já se ouve em nossa terra.



Então abrirá sua boca como os pintainhos que aguardam receber o alimento de sua mãe.